

Aula 008 – Ai é conquistada e incendiada – Josué 8:1-35

Josué – Capítulo 8

O capítulo 8, assim como os seus precedentes, deveria ser avaliado e entendido como a apresentação da história do povo de Israel no período de Josué. Após o restabelecimento da aliança, Deus novamente está a frente deste povo para a conquista da terra prometida. O objetivo desse capítulo, é mostrar o que pode ser feito (e o que foi feito) quando o povo de Deus procede segundo a vontade dele.

1 Disse o SENHOR a Josué: Não temas, não te atemorizes; toma contigo toda a gente de guerra, e dispõe-te, e sobe a Ai; olha que entreguei nas tuas mãos o rei de Ai, e o seu povo, e a sua cidade, e a sua terra.

O capítulo 8 inicia com uma palavra de encorajamento a Josué, evocando palavras que já tinham sido ditas. **Deuteronômio 31:8 O SENHOR é quem vai adiante de ti; ele será contigo, não te deixará, nem te desampará; não temas, nem te atemorizes.** Ao relatar essas palavras do Senhor, há a indicação que as circunstâncias voltaram novamente ao que costumavam ser. As promessas de Deus acerca da assistência divina tinham sido postas em risco pela desobediência do povo, como relata o capítulo 7. Com o cumprimento do juízo e a limpeza de Israel, a ira do Senhor tinha se extinguido. **Josué 7:26 E levantaram sobre ele um montão de pedras, que permanece até ao dia de hoje; assim, o SENHOR apagou o furor da sua ira; pelo que aquele lugar se chama o vale de Acor até ao dia de hoje.**

O Senhor diz a Josué para levar todos os guerreiros, o que é bem diferente do conselho dado pelos homens que fizeram o reconhecimento de Ai. **Josué 7:3 E voltaram a Josué e lhe disseram: Não suba todo o povo; subam uns dois ou três mil homens, a ferir Ai; não fatigueis ali todo o povo, porque são poucos os inimigos.** Josué e os homens devem subir contra Ai, que estava situada num terreno mais elevado, em comparação com a área de Gilgal, onde a ordem foi dada. Na investida anterior, Josué agiu por conta própria, uma vez que a captura de Ai, depois da queda de Jericó, sugeria-se natural para ele, como líder militar de Israel. A derrota diante de Ai deveu-se a outras razões.

Outras vezes durante a história, Deus faz a mesma promessa de entrega: **I Samuel 23:4 Então, Davi tornou a consultar o SENHOR, e o SENHOR lhe respondeu e disse: Dispõe-te, desce a Queila, porque te dou os filisteus nas tuas mãos.**

2 Farás a Ai e a seu rei como fizeste a Jericó e a seu rei; somente que para vós outros saqueareis os seus despojos e o seu gado; põe emboscadas à cidade, por detrás dela.

O rei de Ai, seu povo e sua cidade são entregues ao poder de Israel. A declaração de Deus é solene e animadora, sem deixar nada de fora. A captura de Ai, apesar de diferente da de Jericó, dará continuidade ao modelo então estabelecido. O seu rei deverá ser tratado da mesma maneira que o rei de Jericó foi tratado. O capítulo 6 não detalha como foi esse tratamento, mas podemos ver isso em **Josué 8:29 Ao rei de Ai, enforcou-o e o deixou no madeiro até à tarde; ao pôr-do-sol, por ordem de Josué, tiraram do madeiro o cadáver, e o lançaram à porta da cidade, e sobre ele levantaram um montão de pedras, que até hoje permanece.** Toda a população também deverá ser tratada como a de Jericó, todavia, a maldição não deve ser aplicada tão rigorosamente como no caso de Jericó. O modelo aplicado no caso de Ai será o apresentado em **Deuteronômio 2:34-35 Naquele tempo, tomamos todas as suas cidades e a cada uma destruimos com os seus homens, mulheres e crianças; não deixamos sobrevivente algum. Somente tomamos, por presa, o gado para nós e o despojo das cidades que tínhamos tomado.** Israel pode tomar o despojo e o gado. Um detalhe do ataque a Ai é mencionado especificamente na palavra do Senhor a Josué. Ela diz respeito à emboscada que terá papel importante no relato a seguir. Essa emboscada deve se posicionar por detrás da cidade. Essa ordem explícita tinha a intenção de indicar que as guerras da conquista de Israel são, em última instância, combatidas sob o “comando” de ninguém menos que o próprio Senhor. **Josué 5:13-15 Estando Josué ao pé de Jericó, levantou os olhos e olhou; eis que se achava em pé diante dele um homem que trazia na mão uma espada nua; chegou-se Josué a ele e disse-lhe: És tu dos nossos ou dos nossos adversários? Respondeu ele: Não; sou príncipe do exército do SENHOR e acabo de chegar. Então, Josué se prostrou com o rosto em terra, e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu senhor ao seu servo? Respondeu o príncipe do exército do SENHOR a Josué: Descalça as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim.**

3 Então, Josué se levantou, e toda a gente de guerra, para subir contra Ai; escolheu Josué trinta mil homens valentes e os enviou de noite.

4 Deu-lhes ordem, dizendo: Eis que vos poreis de emboscada contra a cidade, por detrás dela; não vos distancieis muito da cidade; e todos estareis alertas.

5 Porém eu e todo o povo que está comigo nos aproximaremos da cidade; e será que, quando saírem, como dantes, contra nós, fugiremos diante deles.

6 Deixemo-los, pois, sair atrás de nós, até que os tiremos da cidade; porque dirão: Fogem diante de nós como dantes. Assim, fugiremos diante deles.

7 Então, saireis vós da emboscada e tomareis a cidade; porque o SENHOR, vosso Deus, vo-la entregará nas vossas mãos.

8 Havendo vós tomado a cidade, pôr-lhe-eis fogo; segundo a palavra do SENHOR, fareis; eis que vo-lo ordenei.

9 Assim, Josué os enviou, e eles se foram à emboscada; e ficaram entre Betel e Ai, ao ocidente de Ai; porém Josué passou aquela noite no meio do povo.

A narrativa segue, agora, relatando com grandes detalhes as providências tomadas por Josué para o ataque a Ai. A batalha, propriamente dita, entre Ai e Israel não será descrita senão a partir dos v. 14ss.

Todos os homens de guerra são enviados de Gilgal até Ai e acampam perto da cidade, ao norte dela. Então o grupo da emboscada se desloca para a vizinhança de Ai.

Então, Josué e todos os guerreiros se prepararam para subir contra Ai. Uma vez que Ai está em local mais elevado do que Gilgal, onde se fazem os preparativos, a expressão suba contra foi escolhida com precisão. Josué escolheu trinta mil homens, os quais eram, por isso, tropas seletas. O número de soldados é grande em relação a população total de Ai, que se afirma ser de doze mil pessoas. **Josué 8:25 Os que caíram aquele dia, tanto homens como mulheres, foram doze mil, todos os moradores de Ai.**

As instruções dadas aos homens que deveriam ficar na emboscada são claras. O contingente principal de Josué marchará para a cidade, ao passo que a emboscada se posicionará por trás dela. Isso fará que os homens de Ai façam uma investida e os persigam. Israel fingirá que foge do combate, como ocorreu antes. Nessa hora, os homens da emboscada tomarão posse da cidade. Para encorajar os homens, Josué refere-se mais uma vez ao fato de que O Senhor, o Deus de vocês, a entregará ao poder de vocês. Depois de capturada, eles deverão tocar fogo na cidade. Este fogo tinha a intenção de servir de sinal, para os homens de Ai, de que a causa deles estava perdida, ao passo que o último era uma destruição final. A emboscada deve agir conforme a palavra do Senhor. As palavras finais de Josué aos homens da emboscada (Vejam, essa é a ordem que lhes dou) devem ser entendidas por Josué como o porta-voz autorizado de Deus. Ao longo de todo o relato repetem-se destaques que acentuam a liderança de Josué.

A emboscada foi preparada entre Betei e Ai, ao ocidente. Aspectos do terreno, como a existência de grandes pedras nas colinas, fariam dele um bom lugar para os homens se esconderem. Josué passou a noite no meio do povo e o “povo” no meio do qual ele passa a noite é o contingente principal posicionado, como será visto, ao norte de Ai.

10 Levantou-se Josué de madrugada, passou revista ao povo, e subiram ele e os anciãos de Israel, diante do povo, contra Ai.

11 Subiram também todos os homens de guerra que estavam com ele, e chegaram-se, e vieram defronte da cidade; e alojaram-se do lado norte de Ai. Havia um vale entre eles e Ai.

12 Tomou também uns cinco mil homens e os pôs entre Betel e Ai, em emboscada, ao ocidente da cidade.

13 Assim foi posto o povo: todo o acampamento ao norte da cidade e a emboscada ao ocidente dela; e foi Josué aquela noite até ao meio do vale.

Esses versículos relatam a sequência à medida que os acontecimentos foram tendo lugar. Josué passa a tropa em revista e marcha para Ai com os anciãos. Estes eram os cabeças de clãs e de famílias, representando a tribo em ocasiões especiais (ver Ex 3.16, 18; 18.12; 24.1; Lv 4.13-15; 9.1; Nm 11.16). Pode ser que a participação deles nessa importante marcha para Ai tenha sido registrada a título de contraste com a lamentação anterior diante da arca, na qual eles também participaram (7.6) e teria como objetivo uma retratação perante o povo que os assistiu lamentar e murmurar. A narrativa chama então a atenção para aqueles que tomavam parte na marcha para Ai (lit., “Ora, quanto ao povo, os guerreiros, eles marcharam.

Depois de se aproximar da cidade e de ir diretamente para ela, o exército israelita deslocou-se para o norte, onde acampou. As tropas de Israel e de Ai estavam agora separadas por um vale.

O versículo 12 relata o envio da tropa de emboscada. O versículo 13a resume a situação sem acrescentar nenhuma informação nova. Josué e os anciãos designaram um lugar para todo o povo. Esse é o acampamento do lado norte, com a emboscada posicionada ao oeste.

A declaração “foi Josué aquela noite até ao meio do vale” significa, provavelmente, que Josué atravessou o vale com a tropa principal posicionando-se perto de Ai, pronto para o ataque.

14 E sucedeu que, vendo-o o rei de Ai, ele e os homens da cidade apressaram-se e, levantando-se de madrugada, saíram de encontro a Israel, à batalha, defronte das campinas, porque ele não sabia achar-se contra ele uma emboscada atrás da cidade.

Depois de uma descrição extensiva da preparação para o ataque contra Ai, a narrativa acelera de súbito e culmina com uma descrição dramática da ação principal. Ao saber da mobilização de Israel, o rei de Ai e todo o povo saíram ao encontro desse povo. Ao que parece, havia um local apropriado, traduzido aqui como ao lugar do encontro, onde o rei pretende fazer Israel entrar em combate. O texto informa que tal lugar

ficava diante de Arabá, termo que normalmente designa o vale onde o rio Jordão corre. É possível que, aqui, denomine uma área não cultivada referida no v. 15 como deserto.

O rei de Ai parte então para o ataque, sem saber da emboscada posicionada por trás da cidade.

15 Josué, pois, e todo o Israel se houveram como feridos diante deles e fugiram pelo caminho do deserto.

Josué e os israelitas se fingem de derrotados pela segunda vez (cf. 7.2-5), e fogem pelo caminho do deserto.

16 Pelo que todo o povo que estava na cidade foi convocado para os perseguir; e perseguiram Josué e foram afastados da cidade.

O povo de Ai é, agora, chamado para se juntar à perseguição dos israelitas em fuga. Os versículos 16-17 descrevem como os habitantes da cidade condenada de Ai não poupam esforços numa perseguição temerária ao inimigo, deixando a cidade emboscada, sem defesa e vigilância. **Provérbios 16:18 A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda.**

17 Nem um só homem ficou em Ai, nem em Betel que não saísse após os israelitas; e deixaram a cidade aberta e perseguiram Israel.

Até agora não se considerava que a cidade de Betel, apesar de mencionada antes (v. 9), tomasse parte nesses eventos. Ela é repentinamente introduzida aqui fornecendo gente para a perseguição e, portanto, ficando ela mesma tão exposta quanto a sua vizinha, Ai. Essa referência a Betel é misteriosa e não pode ser totalmente explicada. O rei de Betel é mencionado entre os assassinados por Josué (12.16), mas não há em nenhuma parte do livro de Josué referência à captura de Betel. Uma vez que a emboscada mencionada no v. 12 se posicionou entre Betel e Ai, a oeste de Ai, os homens de Betel tinham de passar próximos à emboscada para irem em socorro de Ai.

18 Então, disse o SENHOR a Josué: Estende para Ai a lança que tens na mão; porque a esta darei na tua mão; e Josué estendeu para a cidade a lança que tinha na mão.

Nesse ponto da batalha, o Senhor assume diretamente o controle. Exatamente como fizera no v. 2, no qual foram dadas orientações específicas acerca do posicionamento da emboscada, aqui também o Senhor ordena a Josué que estenda a lança na direção de Ai. Seria um sinal combinado previamente com os emboscados? O v. 19 poderia dar essa impressão, mas a lança na mão de Josué seria visível àqueles que estavam no lado oeste da cidade? Talvez o ato de apontar a lança fosse seguido de outro sinal que seria transmitido aos emboscados. O mais provável é que o uso da lança fosse simbólico, um gesto de juízo e destruição (cf. v. 26, no qual se vê que Josué manteve a lança estendida até se completar a destruição de Ai). Assim como a lança

estava na mão de Josué, assim também a cidade contra a qual ela estava estendida estava na mão de Israel (v. 18).

19 Então, a emboscada se levantou apressadamente do seu lugar, e, ao estender ele a mão, vieram à cidade e a tomaram; e apressaram-se e nela puseram fogo.

O versículo 19 fala das atividades da emboscada.

20 Virando-se os homens de Ai para trás, olharam, e eis que a fumaça da cidade subia ao céu, e não puderam fugir nem para um lado nem para outro; porque o povo que fugia para o deserto se tornou contra os que os perseguiram.

21 Vendo Josué e todo o Israel que a emboscada tomara a cidade e que a fumaça da cidade subia, voltaram e feriram os homens de Ai.

É mencionado o desnorteamento dos homens de Ai ao verem a cidade tomada e as vias de fuga fechadas. Esse mesmo versículo descreve os israelitas que estavam em fuga voltando-se para enfrentarem seus perseguidores.

22 Da cidade saíram os outros ao encontro do inimigo, que, assim, ficou no meio de Israel, uns de uma parte, outros de outra; e feriram-nos de tal sorte, que nenhum deles sobreviveu, nem escapou.

Então, no v. 22, os outros que incendiavam a cidade saíram para guerrear também contra o povo de Ai.

Os homens de Ai estão encurralados, e os israelitas, agindo sob as ordens divinas, não deixam que nenhum deles escape.

23 Porém ao rei de Ai tomaram vivo e o trouxeram a Josué.

Apenas o rei de Ai é levado vivo a Josué, para que ele possa fazer com ele o mesmo que fez ao rei de Jericó. O que ele fez aos dois reis, nós veremos no vs. 29.

24 Tendo os israelitas acabado de matar todos os moradores de Ai no campo e no deserto onde os tinham perseguido, e havendo todos caído a fio de espada, e sendo já todos consumidos, todo o Israel voltou a Ai, e a passaram a fio de espada.

Nenhum dos habitantes de Ai que saiu na perseguição de Israel escapou da morte. Todos foram abatidos no campo e no deserto. Isso era parte da ordenança que devia ser aplicada a toda Canaã e que já havia sido aplicada a Jericó. O mesmo anátema foi, então, aplicado ao povo que ainda restava na cidade.

25 Os que caíram aquele dia, tanto homens como mulheres, foram doze mil, todos os moradores de Ai.

O nome de Betel, introduzido no v. 17, não é mencionado de novo com respeito a isso. O número de mortos totaliza doze mil, toda a população de Ai.

26 Porque Josué não retirou a mão que estendera com a lança até haver destruído totalmente os moradores de Ai.

Como outro Moisés (Ex 17:11), Josué continua com a mão estendida, segurando a lança até que a maldição seja totalmente executada contra Ai. Visto que fora o Senhor quem ordenou originalmente que essa arma fosse estendida, a narrativa pretende dizer que a maldição foi levada a cabo sob a ordem de Deus.

27 Os israelitas saquearam, entretanto, para si o gado e os despojos daquela cidade, segundo a palavra do SENHOR, que ordenara a Josué.

Apesar da destruição em larga escala, o gado e o despojo foram poupados e tornaram-se possessão de Israel (ver o v. 2; cf. Dt 2.34- 35; 3.6-7).

28 Então, Josué pôs fogo a Ai e a reduziu, para sempre, a um montão, a ruínas até ao dia de hoje.

A cidade é, então, incendiada, no qual há o relato de um incêndio inicial, mas com outro propósito.

A história de Ai termina com o registro do levantamento de dois monumentos que servem para lembrar a ocorrência até este dia. O primeiro deles é o monte de ruínas da própria Ai, o outro são as pedras empilhadas sobre o cadáver do rei da cidade (v. 29). Tanto os atos passados de Deus para livramento de Israel como os de juízo contra aqueles que o desobedecem, sejam israelitas (Acã) ou não, poderiam assim ser lembrados pelas gerações vindouras. A Bíblia apresenta um registro fidedigno daquilo que o Deus da História realizou no tempo e no espaço. Por essa razão, o Israel dos dias de Josué, e posteriormente, tinha razão suficiente para entesourar as memórias ligadas aos monumentos do passado.

O versículo 28 destaca a desolação de Ai, convertida então num monte permanente de ruínas.

29 Ao rei de Ai enforcaram-o e o deixou no madeiro até à tarde; ao pôr-do-sol, por ordem de Josué, tiraram do madeiro o cadáver, e o lançaram à porta da cidade, e sobre ele levantaram um montão de pedras, que até hoje permanece.

Segue-se então o relato da morte do rei da cidade. É como se a história voltasse ao seu ponto de partida. Primeiro, o rei foi morto e seu corpo pendurado numa árvore. Essa desonra expressa simbolicamente a maldição da parte de Deus (Dt 21.22-23). O cadáver não foi deixado pendurado de um dia para o outro, mas foi retirado; as regras de Deuteronômio foram aplicadas não apenas aos israelitas, mas também a esse rei

cananeu. Uma pilha de pedras foi, então, lançada sobre o cadáver, assim como havia sido feito com relação a Acã (7.26).

30 Então, Josué edificou um altar ao SENHOR, Deus de Israel, no monte Ebal,

Tão logo se alcançou a importante vitória sobre Ai, as exigências da aliança do Senhor de Israel tiveram de ser proclamadas a todos. A descrição da edificação de um altar, a disposição das pedras inscritas com a Lei de Moisés, a leitura das bênçãos e das maldições, à qual o povo respondeu com um solene “amém” (ver Dt 27.11-26), tudo isso aponta sobre a mensagem de Josué. Simbolicamente, os israelitas são informados que o direito de posse da terra está ligado à proclamação das exigências da aliança de Deus sobre o seu povo e à sujeição a elas.

Josué edifica um altar ao Senhor, o Deus de Israel no monte Ebal. A edificação de altares, durante o período patriarcal, quase sempre se dava após a ocorrência de teofanias (manifestações de Deus) na terra de Canaã (Gn 12.7-8; 13.18). Esses altares eram uma expressão da reivindicação simbólica que os patriarcas, eles mesmos “estrangeiros e peregrinos” na terra da promessa, faziam da terra de Canaã, que lhes havia sido dada (Gn 12.7). A promessa feita aos pais concretizara-se nesse momento. Daí a razão para se erguer esse altar no monte Ebal.

A cerimônia de edificação do altar dá continuidade a um padrão anteriormente estabelecido. Vários dos importantes eventos registrados até aqui foram seguidos de cerimônias solenes:

- A coluna de pedras levantada em Gilgal;
- A circuncisão e a Páscoa;
- A maldição sobre as ruínas de Jericó;
- O enforcamento do rei de Ai;
- O levantamento de um monumento sobre o seu corpo.

Todas essas cerimônias tinham a intenção de inspirar confiança na vitória, embora também sirvam a outros propósitos históricos-redentores na narrativa presente.

A conquista de Ai tornou possível a Josué mudar todo o acampamento israelita, inclusive mulheres e crianças (v. 35), para esse local, que estava bem ao norte, sem encontrar oposição. O destino de Ai inspirou o temor dos cananeus.

31 como Moisés, servo do SENHOR, ordenara aos filhos de Israel, segundo o que está escrito no Livro da Lei de Moisés, a saber, um altar de pedras toscas, sobre o qual se não manejara instrumento de ferro; sobre ele ofereceram holocaustos ao SENHOR e apresentaram ofertas pacíficas.

O altar é construído de acordo com as ordens de Moisés a Israel. Mais uma vez atribui-se a Moisés o título honorário de servo do Senhor (ver 1.1-2). Tudo se faz conforme o que estava escrito no Livro da Lei de Moisés, particularmente o livro de Deuteronômio (ver Dt 27.2-26). O altar é construído com pedras brutas, como especificado (ver Êx 20.25). Por que pedras brutas? É possível que fosse assim para evitar até mesmo a semelhança com a feitura de “imagens de escultura”, proibidas no Decálogo. Em geral, pode ter servido para indicar a natureza não cananea do culto de Israel.

Os sacrifícios levados ao altar foram holocaustos e ofertas pacíficas. Esses dois sacrifícios também foram oferecidos no monte Sinai, quando a lei foi dada a Israel pela primeira vez (Êx 20.24).

32 Escreveu, ali, em pedras, uma cópia da lei de Moisés, que já este havia escrito diante dos filhos de Israel.

O fato de usarem o monte Ebal significa que Josué desejava que esse fosse um momento solene de recordação da aliança feita no Sinai.

As pedras sobre as quais se escreveu uma cópia da lei provavelmente não eram as pedras do altar. Deuteronômio 27.1-8 prescreve que a lei deve ser escrita em pedras grandes e caiadas. Essa era uma técnica egípcia. Não está muito claro quem foi exatamente que escreveu a cópia da lei que Josué inscreveu nas pedras. Talvez tenha sido Moisés ou mesmo o próprio Josué. O evidente é que o ato de escrever essa cópia sobre as pedras foi realizado à vista dos israelitas reunidos. A narrativa não especifica qual a extensão da “lei” que fora escrita. Poderia ser os Dez Mandamentos, ou as bênçãos e maldições de Deuteronômio 28.42 ss. A solene cerimônia de escrita da lei ocorrida no monte Ebal, além de servir ao propósito de estabelecer a reivindicação do Senhor da Aliança sobre toda a Canaã, pode ter servido também para o reconhecimento de Josué como o legítimo sucessor de Moisés. Sabe-se da existência de cerimônias de renovação de aliança entre outras nações além de Israel. Na maioria das vezes, elas consistiam de duas partes sucessivas. Pode-se considerar que Deuteronômio 31.3 constitua a primeira parte (cf. Dt 31.9-13). A cerimônia no monte Ebal, então, seria a fase final da sucessão formal de Josué ao ofício de líder de Israel. Nessas cerimônias de renovação pactual, o documento principal da aliança seria copiado para que todos o pudessem ler, inclusive uma série de bênçãos e maldições seria pronunciada.

33 Todo o Israel, com os seus anciãos, e os seus príncipes, e os seus juizes estavam de um e de outro lado da arca, perante os levitas sacerdotes que levavam a arca da Aliança do SENHOR, tanto estrangeiros como naturais; metade deles, em frente do monte Gerizim, e a outra metade, em frente do monte Ebal; como Moisés, servo do SENHOR, outrora, ordenara que fosse abençoado o povo de Israel.

A arca, o emblema sagrado da presença de Deus com o seu povo, constitui o centro da cerimônia que se segue, da leitura das bênçãos e maldições da lei. Todo o Israel toma parte nesse ato, mas destacam-se em primeiro lugar os representantes do povo, os anciãos, os oficiais e os juizes. No livro de Josué, é aqui a primeira vez que os juizes são mencionados. A palavra ainda não tem o significado específico que adquire mais tarde ao ser usada para designar os salvadores e libertadores que Deus enviou nos dias da apostasia e da opressão de Israel (ver Jz 2.16). A função de juiz, porém, não deve ser entendida exclusivamente em termos jurídicos.

Todo esse povo estava ao redor dos sacerdotes levíticos que transportavam a arca. A assembleia incluía não somente os nascidos israelitas, mas também os forasteiros (ver Êx 12.19, 48-49; Lv 16.29; 17.15; 18.26; 19.34, etc.). Uma distinção entre os que eram e os que não eram nativos de Israel. Assim como leis semelhantes aplicavam-se a ambos (ver Êx 12.19,48-49), assim, também, eles deviam estar presentes no solene restabelecimento das cerimônias da aliança.

34 Depois, leu todas as palavras da lei, a bênção e a maldição, segundo tudo o que está escrito no Livro da Lei.

Os dois montes onde o povo se agrupava eram o Ebal e o Gerizim. As investigações têm indicado que as qualidades acústicas do local são excelentes para esse tipo de cerimônia. O v. 33 enfatiza mais uma vez que tudo se fez conforme a ordem de Moisés. É ressaltado mais uma vez o autoamaldiçoamento condicional. Bênçãos e maldições são os dois eixos em torno dos quais giram a história da aliança (ver Dt 11.26; 30.1). A bênção significa vida; a maldição, morte (Dt 30.19). Deus também pode converter uma maldição em bênção (Dt 23.5). As palavras de bênção e maldição não devem ser entendidas como meras palavras. No contexto bíblico, elas são reais veículos de poder, não num sentido mágico, mas porque foram proferidas em nome daquele cuja Palavra é poderosa (Sl 33.9).

35 Palavra nenhuma houve, de tudo o que Moisés ordenara, que Josué não lesse para toda a congregação de Israel, e para as mulheres, e os meninos, e os estrangeiros que andavam no meio deles.

A lei que se leu foi aquela que Moisés ordenara; mas as palavras de Moisés são também as palavras de Deus. A leitura da lei é feita perante toda a congregação de Israel. Todos participam, inclusive mulheres, crianças pequenas e forasteiros. Eles são confrontados com as exigências do Senhor da aliança ao entrar numa nova fase da sua existência na terra da promessa. Se essas exigências forem respondidas em obediência à aliança, a felicidade futura estará assegurada.